

POESIA, TERRA NATAL DA RESISTÊNCIA

Laura Cavalcante Padilha

Universidade Federal Fluminense

Propor um título sucinto é sempre um risco. Assim explico que este foi buscado para pensar a poesia de Alda Espírito Santo que se fará o ponto central destas reflexões. Escolhi, para começar, o trecho de um poema, aliás, que sempre acabo por retomar em certos textos que sobre ela, ou não, produzi e me voltam à memória quando reflito sobre toda e qualquer forma de ação humana que se acumplicie com a resistência, a busca de justiça e grite por liberdade.

Cito, pois, os seguintes versos de “Direito à vida”:

Nossas mãos lassas estendidas,
Buscam à deriva,
A hora integral dos luares humanos
Para todos, para cada um de nós.
Nossa África em chamuscas
Anseia a paz, a harmonia
o direito à vida.
E nós não estamos
a pedir demais... (Santo, 1978:102).

Este “anseio” da poetisa, apesar dos anos que se passaram, continua não apenas a me mobilizar, mas a outros de seus leitores quando

percebemos a sua atualidade, sobretudo ao vermos imagens de uma “África [ainda] em chamas”, a clamar, também ainda, pelo “direito à vida”, como se dá no Sudão, Somália, Nigéria, Etiópia, etc., isso deliberadamente deixando de lado outros lugares do planeta, como a Síria, vítima de uma violência inominável que nos invade as casas diariamente.

A desordem nunca deixou de estar, clara ou camufladamente, na base dos modos dos ordenamentos político-sociais de todos os tempos, fazendo-se a principal responsável pelo processo de subtração do “direito à vida” por parte dos que deveriam mantê-lo por dever e princípio. Talvez a face mais cruel de tal procedimento nos seja posta pelos corpos de crianças mineralizados pela morte, a comporem um quadro que vai muito além daqueles produzidos por uma série de pintores que resgataram, em suas telas, muitas das guerras pela história disseminadas, como Goya, Pedro Américo, Picasso, etc. A paranóia parece tomar conta de tudo, embora nem sempre os governantes pertençam ou admitam pertencer a regimes totalitários, como adverte Hannah Arendt, ao afirmar:

[...] os massacres são moeda corrente no passado sangrento da história [...]. A ambição de governar o mundo, bem conhecida da história dos sonhos políticos, não é monopólio dos governos totalitários e pode explicar-se por um apetite desmedido de poder. (Arendt, 2001: 148)

Foi este apetite o motor dos processos colonizatórios, como se sabe. Contra ele se levanta, dentre outras vozes de mulheres africanas, a de Alda Espírito Santo que hoje, para nós, se torna uma fonte da memória da violência sem limites que se abateu sobre as ilhas de São Tomé e Príncipe, objeto de seu olhar mais direto e que nos chega pela leitura de *É nosso o solo sagrado da terra: Poesia de protesto e luta* (1978), em especial no segmento “A legítima defesa” (119-145).

Nele, dor e revolta, como que explodem, por exemplo, no célebre poema tantas vezes antologizado, “Onde estão os homens caçados neste vento de loucura”, no qual as imagens do massacre de Batepá, perpetrado em 5/6 de fevereiro de 1953, pela repressão colonial portuguesa, emergem banhadas em sangue, dor e desespero:

Ai o cais, o sangue, os homens,
 os grilhões, os golpes das pancadas
 a soarem, a soarem, a soarem,
 caindo no silêncio das vidas tombadas
 dos gritos, dos uivos de dor
 dos homens que não são homens
 na mão dos verdugos sem nome (Santo, 1978:121).

Os versos da poetisa, aqui deixando de lado outras vozes que em poesia ou prosa também disseram do massacre (cf. Sum Marky no romance *Crónica de uma guerra inventada*, 1999, por exemplo), demonstram ser a palavra também ela uma forma de ação, novamente recorrendo a Hannah Arendt, que diz: “[...] na ação a pessoa se exprime de uma maneira que não há em qualquer outra atividade. Deste ponto de vista, a palavra é também uma forma de ação.” (Arendt, 2001, 40).

É isso que surpreendo, sempre com renovado interesse, nessas telas pintadas com força e deliberação por artistas da palavra que se encontram nesse lugar onde a escrita se torna gesto de resistência pelo qual se enlaçam o estético ao ético e ao político, cumprindo-se, assim, o que preceitua outra mulher, Susan Sontag, quando diz ser a literatura “[...] o lar da nuance e da oposição às vozes da simplificação. A tarefa do escritor é tornar mais difícil acreditar nos saqueadores da mente.” (2008: 162). É sobre esse pacto de dificultar aquilo que parece simplificação, tão ao gosto dos “saqueadores da mente”, que

me quero debruçar para, com a voz de Dona Alda – como a chamamos com carinho –, lembrar ser possível romper as teias de silêncio da história e superar a própria dor para transformar tal silêncio em grito. Creio que esta poetisa poderia ter dito o que a mesma Sontag afirma na obra já aqui resgatada:

Se a literatura me mobilizou como um projeto, primeiro como leitora e depois como escritora, ela é uma extensão da minha solidariedade aos outros eus, aos outros domínios, outros sonhos, outras palavras, outras áreas de preocupação (Sontag: 158).

A mim, em particular, na qualidade de mulher e cidadã de um país igualmente alvo da predação colonial, conforme se pode comprovar pelo extermínio da população indígena e, depois, pela ignomínia da escravatura, as palavras da escritora santomense sempre me mobilizaram, como as que profere, por exemplo, em “Luares de África”, ao focar as mulheres negras, em um dos boletins *Mensagem* da Casa dos Estudantes do Império (CEI). Resgato um dos trechos mais fortes do texto:

[...] A negra é uma máquina de dar filhos, é a sofredora do trabalho, que serve o homem fielmente, como uma besta de carga completamente mecanizada.

E lá seguem as eternas resignadas, presas ao seu destino na labuta de cada dia, criando filhos sem pai, servindo homens que amanhã ricos, não sabem o nome da negra sofredora que o amparou, como escrava servil, quando chegados às terras de negros encontraram asilos, nessas negras de pele escura e de coração grande e generoso (Ano I, janeiro – 1949, n.º 7, 13).

Põem-se aqui, sem escamoteamentos, duas questões que se fazem dois dos balizadores principais da fala política e poética deste sujeito

insubordinado que, em 1949, já abordava tais questões que ainda hoje nos mobilizam, ou seja: a da raça e a do gênero. Repare-se: isto no século vinte, no fim dos anos quarenta.

Penso que esta insubordinação e forma de resistência se espalha pelos poemas, não apenas nos que dedica às mulheres de sua terra, mas em outros em que presta homenagem às que lutam em outras frentes, como, por exemplo, Deolinda Rodrigues, uma das heroínas da luta de libertação de Angola. Recupero dois fragmentos de poemas em que o pacto da escritora com suas iguais de gênero, raça e mesmo condição histórica, fica mais que evidente e em que sua solidariedade faz da escrita poética uma espécie de lança a perfurar o corpo histórico do então colonialismo português. O primeiro é “Às mulheres da minha terra”:

Irmã, a nossa conversa é longa.
 É longa a nossa conversa.
 Através destes séculos
 De servidão e miséria...
 É longa a estrada do nosso penar.
 Nossos pés descalços
 Estão cansados de tanta labuta... (Santo, 1978: 82).

Já o segundo, hino de louvor a Deolinda – uma sua igual na luta contra o opressor e que morre antes de ver a sua terra independente – assim se encerra:

De pé, Deolinda eu te saúdo
 E sinto-me orgulhosa
 De te haver conhecido.
 Irmã, a terra mártir
 Embebeu teu sangue

Alastrando sobre o continente inteiro
Como uma sementeira
Florescente de glória (Santo, 1978: 114).

Os poemas de Dona Alda são também uma sementeira que dá seus frutos na terra arada de sua fala literária. Vale lembrar que a obra *É nosso o solo sagrado da terra: Poesia de protesto e luta*, editada três anos após a independência, nos traz, de um lado, uma Alda guerrilheira que denuncia o que se passa com seu povo e clama pela hora da libertação. Por outro lado, igualmente se faz ouvir a voz de um sujeito liberto e que pode cantar a **sua** (e grifo) terra. O ufanismo se reflete já no fato de abrir o livro com o hino de São Tomé e Príncipe, por ela composto, e que antecede o próprio prefácio da obra. Por sua vez, o poema “S. Tomé e Príncipe”, de abertura propriamente dita da coletânea, mostra o que houve de violência no processo colonizatório, daí o desejo da autora de convocar a memória dos leitores para que não esqueçam a história dos

Três séculos, guerrilhas de escravos
Resistentes da luta colonial
Etapa primeira da resistência nacional

E ela continua adiante:

Navios negreiros, fantasmas da rota atlântica
Tubarões sugadores de negros escravos empilhados
Nos porões da morte dos donos do ocidente (*idem*, 27).

A seguir, o ‘eu’ poético mostra a necessidade de se perseguir o sonho, pois, e volto ao poema, “A luta da reconstrução”, a seu ver, representaria ainda uma “Dura batalha consciente” do próprio povo

“Contra o jogo da exploração” que, como se sabe, é uma das marcas do sistema econômico mundial de que quase nunca os chamados – aspeio – “países periféricos” ou “terceiomundistas” se conseguem livrar. Comprova-se, nesse poema inaugural e em outros, a assertiva de Amílcar Cabral, ou seja, que o seu grande medo, depois das independências, seria a passagem do colonial ao neocolonial, já que

O caso neocolonial (**em que as classes trabalhadoras e os seus aliados se batem simultaneamente contra a burguesia imperialista e a classe dirigente nativa**) não é resolvido através de uma solução nacionalista; exige a destruição da estrutura capitalista implantada pelo imperialismo no solo nacional e postula, justamente, uma solução socialista. (1980: 38, negrito do texto)

Explica-se, assim, por que o poema acima citado oscile entre a dor antiga e o desejo luminoso de reconstrução. Sabemos que a escritora fez parte da chamada “Geração de Cabral” e que, como ele, Neto, Mondlane e vários outros, ela se dedicou à causa da libertação das então colônias africanas que compunham o que o orgulho imperial português chamava de “ultramar”. Uma vez vencido, este ultramar se fez o pleno mar de cada um dos novos países que, já com o mesmo orgulho, ela e os companheiros, enfim livres, passaram a chamar de os “Cinco”, assim criando um canto coral a partir de 1975, já que a Guiné-Bissau começara a entoar tal canto solo em 1973. Não foi por acaso que em 1.º de julho de 1987, em São Tomé, se tenha proclamado a criação da “Liga dos Escritores dos Cinco”, e se escrevesse “Mão”, ou seja, o “Poema coletivo dos ‘Cinco’ a Alda Espírito Santo”, em cuja estrofe final se lê:

Ah! Quanta certeza, quanto amanhã
Nos cinco dedos dispersos

Desta mão africana!
Nos cinco dedos unidos
Desta mão africana! (Santo, 2006: 94).

Talvez hoje, já decorridos tantos anos, o “amanhã” não corresponda mais à certeza, fio simbólico pelo qual se ligam os dedos desta “mão africana”, mas não resta dúvida de que o lugar escolhido, não por acaso, naquele momento, para cantá-la, dado o prestígio da líder do passado de luta e do presente de liberdade, tenha sido a “ilha de nome santo”, “terreiro de luta”, como se lê nos cinco primeiros versos do poema de abertura já aqui citado, “S. Tomé e Príncipe”, quando ela oferece ao leitor o primeiro quadro de sua terra, pintando-o com o pincel de suas palavras:

Milhas marinhas ao longo da costa africana
Envolvendo palmares, obós, pães de açúcar
Acidentadas ilhas do Amador
Ilhas acidentadas da Guerra do Mato
Terreiro da luta da resistência (Santo, 1978: 27).

Lembremos, ainda, o início de “Vozes das ilhas”, texto que abre, depois do introdutório, as cortinas do primeiro segmento da obra, intitulado “Poemas da juventude”, no qual se representa outra das suas telas pintadas em versos. Nele, ela demonstra saber que a jornada para a liberdade seria “dura e sangrenta”. Tal poema se resgata também em *O coral das ilhas* (2006). Cito-lhe um fragmento:

Sobre o mar das nossas terras, por sobre a tormenta
Paira o espectro da incerteza
Nas nossas mãos erguendo-se temerosas
À espera dum gesto, duma harmonia

A pautar os nossos longos passos
 Através da jornada que se avizinha dura e sangrenta
 (Santo, 1978: 33 e 2006: 31).

Repare-se que as imagens da “tormenta”; das “mãos erguidas” e “temerosas”; da “incerteza”, imagens que levam à certeza de uma “jornada (...) dura e sangrenta” se opõem ao outro conjunto a nós proposto em “S. Tomé e Príncipe”, conjunto que nos oferece uma paisagem coberta de afeto pela qual a geografia das ilhas se projeta em forma de “palmares, obós, pães de açúcar”. Nesse sentido, a geografia física acaba por se fazer cultural, ao resgatar a tensão do coletivo vivida no momento histórico da resistência ao outro dominador e às insanas violências por este cometidas, como se deu com o aqui já referido massacre de Batepá. A paisagem cultural da ilha amada, que emerge em “Vozes das ilhas” e em outros que o sucedem, é resgatada – aqui recorrendo a Augustin Berque – não apenas como

[...] uma *marca*, pois expressa uma civilização, mas [...] também uma *matriz* porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura – que canalizam, em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e a natureza [...] (Berque, 2004: 84-85, grifos do autor).

Não é gratuito, a meu ver, o fato de que os organizadores da última obra poética de Dona Alda escolhessem, como seu título, o de um dos textos que compõem a nova coletânea, *O coral das ilhas*, já referido. O poema que dá título à obra, celebra os trinta anos da independência e pode fazer um duo com “O jogral das ilhas”, da obra de 1978, muito embora neste a denúncia da violência colonizatória e a volta ao massacre de Batepá se façam ainda presentes. A ideia, no entanto, da importância e força do coletivo, assim como a percepção

da necessidade de busca do futuro acabam por enlaçar as duas produções. Vale a pena lembrar um trecho do poema de 2006:

Trinta anos volvidos em rodopio
 Neste universo conturbado de maremotos
 Mascarados em catástrofes ilimitadas
 Semelhando fantasmas e escorpiões,
 A geração presente, das décadas percorridas
 Neste trilho
 Vem brandir a mensagem da esperança
 No porvir (Santo, 2006: 23).

Gostaria de enfatizar que a nota de abertura desta coletânea não permite ao leitor ter clareza sobre a forma de sua organização. Vejamo-la:

Homenagem

A organização em livro dos textos poéticos que fazem *O Coral das Ilhas*, a *contragosto* da Autora, é a homenagem sentida que o *Canto do Ossobó* presta à Presidente da UNEAS, senhora Dona Alda Espírito Santo, por ocasião do seu octogésimo aniversário, a 30 de abril de 2006. (2006, s/p.).

Tal fato, de a autora não querer a publicação, não nos impede de pensar ter a mesma, em alguns momentos, opinado sobre os temas e a ordem em que os poemas deveriam ser dados a público. Assim, não me parece mero acaso que a certeza a animar o livro de 1978 se transforme, no poema de abertura do de 2006, em “Incerteza”. Sua primeira estrofe nos diz:

O sol da liberdade
 Cintila nos rostos em prece
 Dos jovens fustigados
 Pela calema
 Destes tempos
 Sem madrugadas... (Santo, 2006: 13).

Vê-se, desse modo e de partida, que o “sol da liberdade” ao invés de acariciar, “fustiga”, e que os “tempos” permanecem na escuridão da noite da história, já que não possuem “madrugadas”.

É igualmente significativo que poemas produzidos antes de 1978 e que não fazem parte de *É nosso o solo sagrado da terra* sejam resgatados, em 2006, como, por exemplo, “A uma miragem”, escrito em 1958, e “Para minha amiga Lena”, de 1957. Não os resgato aqui, por não me parecer que embasem de modo mais pertinente estas reflexões. Quero lembrar apenas o fato de que causa ao leitor um certo espanto a posição em que se encontra o poema título da coletânea, texto pelo qual ela comemora os trinta anos da independência (21-23) e que está ladeado por dois outros pertencentes à primeira obra, ou seja, “Pela vez primeira” (20) e “Inconformismo” (24-25), este, aliás, texto de abertura do segmento “Cela non vugu” que fecha o livro de 1978.

Começo por recordar que, em “Pela vez primeira”, a poetisa focaliza as “sanguês”, ou seja, mulheres do povo, geralmente do “mato”, cuja voz se levanta contra as atrocidades cometidas “Naquela quente manhã de um mês qualquer”. No romance de Sum Marky, atrás referido, há também uma cena semelhante, quando o advogado encontra o grupo de mulheres que vai reivindicar a libertação de filhos e maridos presos pela repressão do terrível governador Carlos de Souza Gorgulho (cf. 1999, 144-145). Como um coro, a fala dessas mulhe-

res se alça, no poema e no romance, sendo que, no resgate feito por Dona Alda, elas são mostradas a levantarem

[...] o estandarte da fome
 Naquela quente manhã de um mês qualquer
 Um grupo sobe o palácio
 E elas pedem o direito de vender
 A voz da fome não tem lei (Santo, 2006:20).

A que eu acrescentaria: não tem mesmo. Nem no tempo em que a liberdade era um sonho, nem quando ela chega, sem que o poder deixe de ser o que sempre foi. Diz o poema que as sanguês “Pela vez primeira [...] vão falar”. Portanto, mostra-se novo sonho a realizar-se. Serão ouvidas?

Parece-me que não, pelo início do poema “Inconformismo”, embora seu fecho se ilumine com as luzes da esperança. Lembro que, na sua abertura, são convocadas as crianças – sempre signo de esperança no mundo africano – vindo, depois de vários versos, os que a seguir, após o corte, citarei:

Contemplando a criançada atirada no caminho
 Encostada ao burgo onde moro
 [...]
 E analisando a nossa vida vazia
 Um clima de angústia se levanta sobre as nossas cabeças
 Gritando a nossa inércia permanente
 Condensada em lugares comuns latentes (Santo, 1978:151 e 2006: 24).¹

1 Lembro que o determinante possessivo “nossa”, que aparece na edição de 1978, desaparece na de 2006, pelo que o verso passa a ser “E analisando a vida vazia”.

Se o poema parasse por aqui, aquele fogo que sempre se alça nos textos da autora se teria extinguido. E essa não seria a Dona Alda que conhecemos. Assim, o final do texto se faz uma convocatória e um grito de cumplicidade com o futuro. Busco-o já na versão um pouco modificada de 2006, lembrando ainda ter sido escrito em 1958, como informa a nota de pé de página desta segunda edição do texto, aqui resgatado:

Não, não, nós não cerraremos os olhos
 Nossas mãos ensanguentadas pelos escolhos
 Florirão a terra inteira
 E o nosso velho continente
 Levará ao mundo dos homens de anciãs tradições
 A melodia dos seus crioulos e línguas nativas
 Despontando na manhã radiosa de todos os nossos
 campos floridos (Santo, 2006: 25).

Esse jogo da espacialidade poética parece indicar que, passados trinta anos, a luta ainda deve continuar, porque a vitória ainda não é vista como totalmente certa. Não por acaso, nessa obra, só aparentemente composta de modo menos orgânico que a primeira e que pode dar a impressão de tratar-se de uma composição um pouco “apressada”, o fecho se dê com o poema “Contratempo”, datado de 27 de março de 2006, que se permite ligar àquele que abre a coletânea, “Incerteza”, como se passa nas rodas da contação oral em que fim e princípio se tocam. O importante é reiterar que, neste último poema, africanamente, a utopia, muito embora sem se livrar de todo de uma “permanente desilusão”, não desaparece. Que me seja permitida a citação do breve texto composto de nove versos, divididos em quatro estrofes:

Hoje, há oceanos em turbilhão
Nas mentes do luchan do meu africano país.

Hoje, as incertezas disparam
O marulhar de séculos conturbados
De utopias em permanente desilusão

Hoje, não vou afogar na baía
Os percalços de vulcões em ebulição.

Hoje, a tormenta não vai romper meus sonhos
Porque creio ainda na força da esperança em desesperança.
(Santo, 2006: 75)

Muitos acusam Alda Espírito Santo de se ter afastado da poesia de protesto e luta. No entanto, para os que a lêem com carinho e cuidado, evidencia-se que sua voz não se calou e, nas fimbrias, seus textos continuam a mostrar ser impossível desacreditar na “força da esperança”, única forma de enfrentar as “tormentas” da história e, também, o único modo de se impedir que se esgarcem os sonhos de tempos melhores que hão de vir. Deste modo, e, uma vez mantidos tais sonhos, a esperança poderá sair vitoriosa quando sobre ela se abaterem as garras da desesperança. Por assim pensar, reitero minha crença de que os textos dessa mulher forte e insubmissa irão, por muito tempo, resistir e comprovar que a poesia jamais deixará de ser, de um modo ou de outro, a terra natal da resistência.

REFERÊNCIAS

- ARENDETT, Hannah (2001). *Compreensão política e outros ensaios*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água.
- BERQUE, Augustin (2004). “Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural”. In: CORRÊA, Roberto

- Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs). *Paisagem, tempo e cultura*. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 84-91.
- CABRAL, Amílcar (1980). *A arma da teoria*. Coordenação: Carlos Comitini. Rio de Janeiro: CODECRI.
- MARKY, Sum (1999). *Crónica de uma guerra inventada*. Lisboa: Vega.
- SANTO, Alda Espírito (1996). Luas de África. In: *Mensagem – Boletim da Casa dos Estudantes do Império*. V.1. Nota prévia: Orlanda Amarilis. Introdução: Pires Laranjeira. Lousã: Tipografia Lousanense/ALAC, 12-14.
- SANTO, Alda Espírito (1978). *É nosso o solo sagrado da terra: Poesia de protesto e luta*. Lisboa: Ulmeiro.
- SANTO, Alda Espírito (2006). *O coral das ilhas*. São Tomé e Príncipe: UNEAS (União dos Escritores e Artistas de São Tomé e Príncipe).
- SONTAG, Susan (2008). *Ao mesmo tempo*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras.

ABSTRACT

This article – starting from reflections by Hannah Arendt, especially one in which the philosopher says: “[...] through action a person is expressed in a way that is not available in any other activity. From this standpoint the word is also a form of action” (2001: 40) – proposes a brief reading of the work of the Santomean author Alda Espírito Santo, interpreting it as a gesture of resistance. Such resistance, in its first movement, sets itself against Portuguese colonialism and its acts of violence, as in the case of the Batepá massacre, for example. Its second movement includes her so-called post-independence production and it demonstrates the lucidity of the poet, who realizes that past revolutionary certainties have often turned into “uncertainties” that have lead her again to make a pact with the

Keywords: Alda Espírito Santo, poetry, Saint Thomas and Prince Literature

RESUMO

Partindo de algumas reflexões de Hannah Arendt, principalmente aquela em que a filósofa afirma que “[...] na ação a pessoa se exprime de uma maneira que não há em qualquer outra atividade. Deste ponto de vista a palavra é também uma forma de ação” (2001: 40), o artigo propõe uma breve leitura da obra da autora santomense Alda Espírito Santo, interpretando-a como um gesto de resistência. Tal resistência, em um primeiro movimento, se manifesta contra o colonialismo português e suas ações de violência, como se dá com o massacre de Batepá, por exemplo. O segundo movimento cobre as produções da chamada pós-independência e por ele se demonstra a lucidez da poetisa, ao perceber que as certezas do passado revolucionário se transformaram, muitas vezes, em “incertezas” que a levam de novo a fazer um pacto com a resistência.

Palavras-chave: Alda Espírito Santo, poesia, literatura são-tomense